Revista Diálogos Mediterrânicos
www.dialogosmediterranicos.com.br
Número 18 – Julho/2020

El Victorial um relato de mobilidades: os cavaleiros e corsários Pero Niño e Gutierre Diez de Games (1378-1453).

El Victorial an account of mobility: the knights and corsairs Pero Niño and Gutierre Diez de Games (1378-1453).

Fátima Regina Fernandes•

Resumo

O *Victorial* projeta a atuação de Pero Niño simultaneamente à do autor da obra e seu companheiro de armas, Gutierre Diez de Games e partimos em sua abordagem das discussões sobre a natureza biográfica da obra. Ao analisarmos este instrumento ideológico fizemos recurso a dados contextuais e documentais que colocassem em perspectiva o real destaque deste protagonista aplicando para tanto, concepções da Nova História Política. No que se refere à trajetória de deslocações do jovem no combate ao corso e aos inimigos de Castela em meio à Guerra dos Cem Anos aplicamos uma reinterpretação destes eventos a partir de um perfil de nobreza *regenerada* de Quintanilla Raso e Salvador de Moxó. Tal como na análise da dinâmica de ascensão sócio-política promovida por Pero Niño, amparada nas vinculações que estabelece com facções de resistentes portugueses *castristas* no reino castelhano. Assim, entendemos que as mobilidades geográficas e o distanciamento da Corte a que se submete lhe permitia escapar da concorrência nobiliárquica que rondava os primeiros reis Trastâmara e seria a via de mobilidade social encontrada por este nobre. A fim de retira-lo da falsa condição de excepcionalidade proposta pelo discurso de sua crônica trazemos igualmente, alguns paralelos com outros nobres. Uma história singular que reverberaria positivamente no futuro de seus descendentes propondo a integração do particular com o passado de um reino.

Palavras-chave. Pero Niño/ Mobilidade social/ Corsários.

Abstract

The *Victorial* plans the interaction of Pero Niño simultaneously to the interaction of the author of its work and companion-in-arms, Gutierre Diez de Games and we start on its approach of the discussions over the biographical quality of the work. By analyzing this ideological instrument we appealed to contextual and documental proofs that put in perspective the real contrast of this protagonist enforcing therefore, conceptions of the New Political History. Regarding the trajectory of the movements of the young man in the combat to the Corsican and the enemies of Castile amidst the Hundred Years' War we apply a reinterpretation of these events through a *reclaimed* nobility shape of Quintanilla Raso and Salvador de Moxó. Just like the analysis of the dynamics of social-political ascension promoted by Pero Niño, sustained in the bonds that establish with factions of *Castristas* Portuguese resistants in the Castilian kingdom. Therefore, we understand that the geographical mobility and the detachment of the Court that was submitted allowed him to escape from the nobiliary rivalry that surrounded the first kings of Trastámara and would be the way of social mobility found by this noble. In order to remove him of the false condition of exceptionality proposed by the speech of his chronicle we, equally, bring some parallels with other nobles. A single story that would make positive echoes in the future of its descendants by proposing the integration of the peculiar with the past of a kingdom.

Keywords: Pero Niño/ Social Mobility/ Privateers

Enviado em: 13/07/2020
Aprovado em: 25/07/2020

• Professora Titular do Departamento de História e Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Membro fundador do *Núcleo de Estudos Mediterrânicos* (NEMED) e Pesquisadora CNPq PQ ID. Esta pesquisa foi subsidiada com recursos oriundos do projeto intitulado *As implicações sócio-políticas das quebras dinásticas e os seus reflexos na definição jurídica de fiel e traidor na tardo-medievalidade ibérica segundo o Direito Comum (1385-1398)* CNPQ 2017/21 (processo nº301134/2016-2, termo de concessão nº 3867537484013304).

1. Os percursos de investigação da obra *Victorial*.

El Victorial, Crónica de Don Pero Niño, Conde de Buelna[1] foi redigido na primeira metade do século XV e o primeiro testamento de Pero Niño comprova a encomenda da obra ao autor que a assina, Gutierre Diez de Games. Segundo o editor Mata Carriazo. um galego que a teria redigido entre 1435 e 1448[2], ainda que a última menção datada no texto seja de 1446. Um autor que se identifica como alférez do Conde, mas que segundo Beltrán Llavador ocultaria seu verdadeiro ofício de letrado[3]. A obra ficaria perdida entre os séculos XVI e XVII até que o historiador Eugênio de Llaguno a publicaria parcialmente em 1782 pela Real Academia de Historia[4] e Mata Carriazo, por sua vez, traz a lume esta edição crítica e completa de 1940 com a qual trabalhamos ainda que hajam outras versões mais atuais[5].

O *Victorial* é objeto de discussão em relação à sua natureza e estilo e na perspectiva de Rafael Beltrán Llavador trata-se da primeira biografia da língua espanhola[6] enquanto Mata Carriazo e Cecília Devia reconhecem-na mais como Crônica[7]. Na verdade as discussões encaminham para uma natureza híbrida tão comum às obras medievais, onde encontramos extensas biografias enxertadas ao meio de Crônicas particulares régias[8], assim como Crônicas dentro de biografias tanto na pena de Fernão Lopes para o português arcaico como na de Pero Lopez de Ayala para o castelhano.

Nossa abordagem atende às discussões trazidas sobre o tema do tratamento aplicado às fontes biográficas como esta que representa o *Victorial*, da parte dos autores das três primeiras gerações dos Annales como Lucien Febvre, Jacques Le Goff e Georges

[1] DIEZ DE GAMES, Gutierre. *El Victorial o Crónica de don Pero Niño, Conde de Buelna*. Madrid, Espasa-Calpe, 1940, 397 p. (manuscrito 17648 da Biblioteca Nacional de Madrid).
[2] DIEZ de GAMES, op.cit, p.XXVIII.
[3] DEVIA, Cecília. "La lucha fratricida en el ""Cuento de los Reyes" (El Victorial) y en las Cronicas del Canciller Ayala" In *Anuario de Estudios Medievales,* Barcelona, CSIC, 40/1, enero-junio de 2010, pp. 393.
[4] BELTRÁN, Rafael. "El caballero en el mar: don Pero Niño, conde de Buelna, entre el Mediterráneo y el Atlántico" In *Erebea. Revista de Humanidades y Ciencias Sociales.* Huelva, Universidad de Huelva, 2013, 3, pp. 73-5.
[5] Duas edições conduzidas por Rafael Beltrán Llavador, DIEZ DE GAMES, Gutierrez. *El Victorial*, Madrid, Taurus, 1994 e Id. *El Victorial*. Salamanca, Universidad de Salamanca, 1997.
[6] BELTRÁN LLAVADOR, Rafael. "El "Cuento de los Reyes", Enrique II y Pedro I: uma historia-exemplum sobre las caídas de los linajes" In *Boletín de la Real Academia Española*, Madrid,1989, LXIX, pp. 417-457.
[7] DEVIA, op.cit. pp.387-413.
[8] FUNES, Leonardo. "Las crónicas como objeto de estúdio" In: *Revista de Poética Medieval*. Alcalá de Henares, Departamento de Filología, Comunicación y Documentación de la Universidad de Alcalá de Henares, 1997, 1, pp. 123-144 e Id. "De Alfonso el Sabio al Canciller Ayala: variaciones del relato histórico" In: "Memorabilia: boletín de literatura sapiencial". Valencia, Universidad de Valencia, 2003, 7.

Duby, escapando da *ilusão biográfica* de que nos fala o sociólogo Pierre Bourdieu[9]. Analisamos uma fonte que dispõe de uma dimensão narrativa teleológica, plena de providencialismo, em conformidade com os parâmetros de produção da medievalidade. Diez de Games redige seu trabalho na velhice do protagonista e a partir daí constrói um sentido unificador e finalista dos eventos, muitas vezes aleatórios e principalmente inesperados da vida de Pero Niño. Partimos em vantagem em alguns aspectos, como o fato de nosso objeto de análise não dispor de grande notoriedade em seu tempo, com poucas menções em outras fontes coetâneas, afinal, a notoriedade seria granjeada posteriormente a partir da obra de Diez de Games. Assim, como nos diz Barros *o indivíduo que nasce na notoriedade, ou que a adquire em função de alguma situação-limite, começa a ser construído coletivamente em paralelo à sua existência física e concreta* [10], condição de um rei ou por vezes de um santo, mas não a de Pero Niño, o que nos permite ter uma visão menos comprometida com eventuais idealizações construídas sobre ele, as quais se restringem, neste caso, à sua própria biografia.

A partir dessa consciência da natureza do discurso narrativo da fonte aplicamos uma problemática que questionasse o epigonismo do herói, entender de que maneira este nobre de baixa condição sócio-política representaria um perfil de trajetória histórica diante de uma sociedade política castelhana em reconstrução à volta da ascensão da dinastia dos Trastâmara. Além disso, despindo-o das idealizações propostas na obra, buscamos identificar as debilidades, fraquezas e ansiedades deste nobre e o que o motivaria a empreender carreira tão móvel. Aferir se este padrão de trajetória o identificaria com o da *nobreza regenerada* de que nos fala Quintanilla Raso e se tal *performance* vivida o encaixaria no conceito de *nobleza nueva* de Salvador de Moxó no contexto imediatamente posterior à crise dinástica alfonsina em Castela, segundo moldes pós-Reconquista[11]. Na verdade, buscamos entender a relação entre as ações deste indivíduo e os grupos e facções dos quais se aproxima como se fossem degraus para

[9] Bourdieu, Pierre. "L'illusion biographique" In *Actes de la recherche en sciences sociales* .1986, Paris, 1986, Vol. 62-63, pp. 69-72, https://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1986_num_62_1_2317,consulta 20/06/2020.
[10] BARROS, José d"Assunção. *Teoria da História*, Petrópolis/ RJ, Vozes, 2012, v. V, p.133.
[11] QUINTANILLA RASO, M.C. "La renovación nobiliária en la Castilla bajomedieval: entre el debate y la propuesta" In *La Nobleza Peninsular en la Edad Media. Actas del VI Congreso de Estudios Medievales,* Fundación Sánchez-Albornoz, Leon, 1999, pp.255-96 e MOXÓ ORTIZ DE VILLAJOS, Salvador de, "De la nobleza vieja a la nobleza nueva" In *Cuadernos de História* (anexos da Revista Hispânia), Madrid: Instituto Jerónimo Zurita, 1969, 3, pp.1-210.

acessar um nível mais alto e restrito de influência na nova ordem Trastâmara. A aproximação aos Castro será, assim, objeto de análise entendido como alvo possível e satisfatório de coroação da ascensão dos Niño ao poder, para além da avaliação da efetividade deste esforço. Buscamos entender, assim, a motivação real por trás das muitas movimentações de Pero Niño até chegar a ser Conde de Buelna, numa espécie de *cursus honorum* cavalheiresco pouco ortodoxo e assim, extrair a compreensão da dinâmica social vigente dentre as categorias nobiliárquicas que cercam os reis castelhanos neste contexto de transição. Para tanto precisamos recorrer a outras fontes e bibliografia que nos disponibilizaram o contraponto necessário à crítica do registro narrativo. Além disso, trazemos as concepções de uma Nova História Política para aplicar ao tratamento dos eventos apresentados como fatos isolados que se relacionam de maneira artificial considerando o fato como eco de fenômenos transcendentes em relação ao contexto maior numa concepção de História Problema[12]. Afinal, mover-se tanto seria um traço aventureiro, de desapego dos valores materiais e das intrigas e potencialidades cortesãs, focando, assim, no cumprimento de um destino providencial de vitorioso diante de tantas concorrências e obstáculos? Ou seria esta, a única via de ascensão sócio-política de um jovem nobre que como veremos começa sua vida de um patamar desvantajoso do ponto-de-vista sócio-político? Afinal, falamos da primeira metade do século XV no Ocidente cristão onde o serviço ao rei, a sua *privança* ou pelo menos a proximidade ao trono garantia àqueles que o serviam a projeção política e as decorrentes contrapartidas previstas para esta condição. Pero Niño traçaria um caminho mais longo, o do afastamento físico do rei, o do sacrifício pessoal a serviço régio, talvez a única via que lhe restasse, mas, certamente, para atingir o mesmo fim do benefício régio.

As muitas fases da vida do herói Pero Niño seriam, assim, intercaladas por fontes a que recorre o autor Diez de Games[13] dentre as quais destacamos em particular o *Cuento de los Reyes* que abre a primeira parte da obra e trata da guerra fratricida entre Pedro I da dinastia de Borgonha ou Alfonsina de Castela e seu meio-irmão, Enrique da Casa de

[12] REMOND, René. *Por uma nova história política.* Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro/Fundação Getúlio Vargas, 1996; SILVA, Marcelo Cândido da. "A Idade Média e a nova História Política" In *Revista Signum*, 2013, vol. 14, n. 1, pp. 92-102 e NORA, Pierre. "O retorno do fato". In NORA, P. e LE GOFF, J. (orgs.). *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, v.1. pp.179-93.

[13] *La Historia de Alexandre, Cuento de los Reyes, La Crónica de los Reyes de Angliaterra,* além de fragmentos de romances (DIEZ DE GAMES. op.cit,, pp. XXVIII-XXXVII).

Trastâmara, referindo como origem de todos os males de que padeceriam os Niño futuramente, o posicionamento do avô de Pero Niño nesta contenda[14]. Voltaremos a este ponto quando explorarmos os partidarismos de Diez de Games em relação ao conteúdo e contexto de produção da obra, quando as escolhas dos materiais realizadas pelo autor transpiram suas intenções de escrita. Afinal, nesta obra que se apresenta linear sabemo-la ser também resultado de uma elaboração retroativa, posterior e testemunhal aos eventos ocorridos anteriormente na vida dos dois, autor e protagonista. Daí convir investigar quais projetos de legitimidade e cristalização de projeções seriam subjacentes à elaboração desta obra permitindo, assim, a compreensão da conveniência na incorporação de determinadas fontes à mesma.

Beltrán Llavador recorda-nos ainda que a obra está construída no estilo do poema *L´Histoire de Guillaume le Maréchal*, primeira biografia cavaleiresca em língua romance francesa redigida pelo companheiro de armas do protagonista, Jean de Erlée[15]. De fato os paralelos são inevitáveis como veremos, assim como a trajetória do nobre português Nuno Alvares Pereira que também dispõe de uma Crônica particular além de uma inserção na *Crónica de D. João I* de Fernão Lopes. Nesta, Nuno Álvares Pereira ocupa um espaço significativo numa obra que pretende proceder à exaltação da dinastia de Avis destacando a importância da sua linhagem, dos Pereira, neste processo, além de interpolações no *Livro de linhagens do Conde. D. Pedro*[16]. Trata-se de indivíduos em contextos diferentes, Guilherme Marechal, na virada do século XII para XIII e os outros dois nos séculos XIV e XV quando vigia o conceito de *nobreza regenerada* de Quintanilla Raso e *nobleza nueva* de Salvador de Moxó composta de muitos potenciais opositores dos Trastâmara

[14] Conforme reforça Mata Carriazo no estudo preliminar da obra (DIEZ DE GAMES, op.cit. p.XXXII-XXXIII). Opinião da qual discorda Cecília Devia entendendo haverem paralelos de conteúdo muito próximos à parte equivalente da obra de López de Ayala (DEVIA, op.cit. p. 388). Tendemos a corroborar a hipótese de Carriazo visto fazer sentido político no conjunto da obra dispor de uma alternativa à narrativa oficial do cronista oficial trastamarista.
[15] DEVIA, op.cit. p. 392.
[16] *Portugaliae Monumenta Historica*, *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, vol.II/l, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1980, pp.238-57; *Chronica do Condestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*. Coimbra, 1911; LOPES, Fernão. *Crónica de D. João I.* Barcelos-Porto, Civilização, 1991, 1ªp, pp.424-7 e Idem, Ibidem,1990,2ªp, pp.447-461. Vide ainda FERNANDES, Fátima Regina. "Estratégias de legitimação linhagística em Portugal nos séculos XIV e XV" In *História. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Porto, FLUP,2006, III Série, vol. 7, pp. 263-284 e Id."A construção da sociedade política de Avis à luz da trajetória de Nuno Álvares Pereira" *In VI Jornadas luso-espanholas de estudos medievais – A guerra e a sociedade na Idade Média.* Campo Militar de S. Jorge (CIBA), Porto de Mós, Alcobaça, Batalha, 2009. V. I, pp. 421-46. Refira-se ainda um trabalho que promove uma aproximação de Pero Niño ao perfil do Condestável português, GUIMARÃES, Marcella Lopes. "Crônicas ibéricas de cavaleiros: escrita, cultura e poder no século XV", *Revista Signum*, 2013, vol. 14, n. 1, pp. 103-23.

que seriam, no entanto, integrados ao seu *staff* como estratégia estabilizadora das tensões internas de sua sociedade política [17]. Conforme analisamos em trabalho anterior, Nuno Alvares Pereira representa bem a atualização do perfil de nobreza trecentista.

> Um homem de vanguarda que faz sua trajetória ascendente e trabalha para manter suas prerrogativas frente a um contexto especialmente concorrencial apoiando-se em homens simples de baixa extração social que compartilham de suas habilidades e alguns interesses. A ética moralizante de Nuno Álvares serviria de modelo aos servidores de Avis, adaptado às realidades de transição do século XIV-XV e moldado em valores específicos desta nobreza construídos a partir de seus instrumentos ideológicos tradicionais: literatura genealógica, cantigas e romances, mas também a partir destes séculos finais da Idade Média, na cronística nobiliárquica particular e na inserção na cronística régia. A historiografia seria fonte de legitimidade desta nobreza regenerada oficializando uma nova relação da monarquia com a nobreza a partir de Avis, num fenômeno paralelo àquele que identifica Quintanilla Raso para a nobreza trastamarista do século XV.[18]

E ao que parece, Pero Niño acompanha esta tendência ao menos ibérica usando as ferramentas possíveis para atingir seus fins, mas, a inserção numa Crônica régia, por exemplo, não seria possível a Pero Niño, daí que ele mesmo trouxesse para sua biografia/crônica particular uma versão dos eventos régios determinantes para a justificação das suas pretensões com a redação desta narrativa.

Um último aspecto importante a ressaltar em relação ao estilo do *Victorial* leva-nos mais uma vez a Beltrán Llavador ao considerar que a obra obedece ainda a uma influência da Retratística na literatura onde o Nominalismo promoveria a identificação e cristalização da singularidade do herói[19]. Uma breve investigação etimológica da palavra *Victorial*, que identifica a obra, mostra-nos tratar-se de um adjetivo relativo a vitória, atribuidor de sentido à pessoa que cumpre plenamente e com sucesso as incumbências que lhe são atribuídas a partir de seu próprio esforço e obstinação, ou em tradução livre, "O Vitorioso"[20].

A obra dispõe de um Proêmio no qual se mostra a erudição de seu autor em cuja introdução ou título inicial se encontram as seguintes palavras plenas de intenção,

---

[17] Categorias onde os padrões de comportamento e valores virtuosos da nobreza passavam por uma atualização. Do antigo tripé da época da Reconquista, de sangue, patrimônio e privança passaria-se a um modelo no qual a privança ao rei e às adjacentes qualidades de iniciativa e proatividade desejáveis se impunham como prioritários no interesse régio de efetividade e resultado das empresas realizadas a a seu serviço.
[18] FERNANDES, "A construção da sociedade política de Avis...", p. 445-6.
[19] BELTRÁN. "*El Caballero en el mar*", p. 76.
[20] "Victoriales" (*BLANQUEZ FRAILE, Agustin* (ed). *Diccionario latino Español-Español Latino.* Barcelona, Editorial Ramon Sopena, 1985, v. 2, p. 1694).

> *Este libro á nombre el Bitorial, e fabla en él de los quatro príncipes que fueron mayores en el mundo, quién fueron, e de algunos otros brevemente, por enxenplo a los buenos caualleros e fidalgos que an de usar ofiçio de armas e arte de caualleria; trayendo a concordança de fabla de un noble cavallero, al cual fin este libro fize*. [21]

Em seguida o autor destaca a importância de quatro tarefas de caráter metodológico subjacentes à composição de sua obra: inquirir e acatar a causa material, a efetiva, a formal e a final de sua empreitada. Destaca ainda que todo *ouvinte* deve sempre buscar saber quem é o autor da obra, de que obras fala, como as trata, com que fim e qual o proveito na sua execução; um roteiro próximo inclusive daquele que percorremos em geral. No caso de sua obra, o autor adianta também que a sua causa material é o oficio e arte de cavalaria, a causa suficiente é quem a fez, a causa formal, louvar os feitos de um bom cavaleiro e a causa final seria o proveito [22].

Díez de Games passa então, a descrever as quatro virtudes definidoras de um cavaleiro começando pela Justiça, Prudência, Fortaleza e Temperança seguindo-se a enumeração dos quatro maiores príncipes do passado dotados destas mesmas virtudes, Salomão, Alexandre Macedônico, Nabucodonosor e Júlio César. Em seguida anuncia que falará de um cavaleiro que era bem menos poderoso, mas rico nas quatro virtudes, Pero Niño, integrando-o a uma galeria histórica estelar de epígonos[23].

A encomenda da obra foi feita por Pero Niño aos 57 anos na mesma época que manda redigir seu primeiro testamento, em 1435, após ter perdido pela segunda vez na vida um filho varão legítimo que o deveria suceder no Condado de Buelna que recebera quatro anos antes. Pero Niño começara sua lide aos quinze anos e só perto dos setenta deixaria de se mover e envolver em disputas, corso e guerras. Desde os vinte e três anos, Diez de Games seria seu companheiro de armas e seu criado a partir de 1401 e teria a incumbência de recordar três décadas de aventuras conjuntas enaltecendo o espírito cavalheiresco de seu patrocinador, um nobre ibérico no século XV. Muitas influências da literatura cavaleiresca e dos clássicos romanos estariam em uso nesta obra para fixar a compreensão de que Pero Niño estava destinado à justiça de suas causas padecendo da fatalidade do sucesso garantida por forte providencialismo. E que também marcaria a sua

[21] DIEZ DE GAMES, op.cit, p. 1.
[22] Idem, p.1-2.
[23] Idem, p. 3-44.

trajetória por inquestionável proatividade no exercício da fidelidade aos reis ou lideranças a quem serviu.

Por fim, o cronista declara na primeira pessoa do singular, ter sido testemunha ocular dos eventos que passaria a tratar " *E yo, Gutíerre Diez de Games, criado de la casa del conde don Pero Níño, conde de Buelna vi deste señor todas las mas de las cavallerias e buenas fazañas que él hizo, e fui presente a ellas* "[24]. Criado na sua Casa desde que Pero Niño tinha vinte e três anos, idade semelhante à sua própria seguiu-o em suas façanhas por terra e por mar no Mediterrâneo ocidental, Golfo de Biscaya e Canal da Mancha[25] . Divide a sua obra em três partes, a primeira delas falará da infância de Pero Niño e a sua formação junto à Casa régia, a segunda parte conta as suas aventuras e viagens por mar, por Gibraltar, Sardenha, Túnis, França e Inglaterra e na terceira parte a história de seus amores com a filha de um Infante português desterrado em Castela além de seu envolvimento nas lutas de Castela com Granada e Aragão.

Mata Carriazo destaca ainda, um perfil notável deste cronista/biógrafo, a sua incansável aplicação de palavras não castelhanas ou por vezes castelhanizadas em sua obra. Uma afeição especial com o francês, devido ao tempo que esteve neste reino com seu senhor demonstra a vivacidade do texto escrito e da língua escrita, impactados pelas experiências do escritor, mais uma vez inseridos no relato. Da mesma forma que o árabe, pleno de arabismos e o inglês em ambos os casos a reboque de suas viagens junto aquele a quem servira presentificando em muitos casos, com expressões coloquiais as passagens narradas aos seus leitores[26] aplicando recursos de uma expressão dialógica direta com o leitor ou ouvinte. As mobilidades relatadas de Pero Niño e Diez Games seriam, assim, reforçadas pelas referências linguísticas inseridas em sua narrativa, funcionando como verdadeiras ferramentas de transmissão da dinâmica da experiência vivida pelos dois diante de novidades e estranhamentos derivados de suas deslocações por espaços de cultura díspar em relação à sua original Península Ibérica.

2. Pero Niño, Infância e juventude em armas.

Pero Niño foi um nobre que nasceu na segunda metade do século XIV, em 1378 e morreu no ano que os manuais apontam como o fim da Idade Média, 1453, ano oficial também do fim da Guerra dos Cem Anos na latinidade e da conquista de Constantinopla

[24] Idem, p. 44.
[25] Vide ANEXO I. Mapa das Campanhas de Pero Niño.
[26] Idem, p. XXXVII.

pelas forças otomanas na encruzilhada cristã, ortodoxa e muçulmana. Consideramos em nosso recorte os anos de sua vida como baliza cronológica de abordagem por este interstício abarcar tanto o conteúdo narrativo como a realização e finalização da escrita do *Victorial,* entre os anos de 1435 a 1446.

Filho de Juan Niño e Inês Lasso, Pero Niño receberia um vaticínio de um peregrino italiano a caminho de Santiago de Compostela no qual se anunciava retoricamente o seu destino de sucesso nas armas[27]; um recurso clássico de abertura da narrativa da vida de um protagonista medieval. Já do ponto de vista histórico encontra-se na Crônica régia de Alfonso XI de Castela uma menção à linhagem dos Niño mencionando que o bisavô do protagonista do *Victorial*, Juan Niño estaria junto ao rei Alfonso XI de quem se diz ser seu criado perdendo a vida no cerco de Algeciras de 1342[28]. O seu filho, Pero Fernández Niño teria semelhante projeção junto a Pero I, o Cruel e estaria com o rei em Montiel em 1366 quando do regicídio promovido por Enrique Trastâmara[29] após o que se esconderia sendo referido no cerco da cidade de Carmona juntamente com o vassalo fiel do rei defunto, Martim López de Córdoba[30]. Não empreenderia o caminho do desterro junto com os *emperegilados*[31], mas sofreria com a mudança dinástica, daí entender-se o recurso do cronista Diez de Games à obra *Cuentos de los Reyes* como fonte de sua obra, visto tratar-se de referência à fidelidade dos derrotados. Segundo Beltrán Llavador o autor promovia desta forma, a deliberada vitimização dos ancestrais de Pero Niño o que justificaria a sua baixa condição à época da sua juventude no reinado de Juan I Trastâmara[32].

Ao retomar a narrativa da vida do protagonista, o autor destaca a surpresa que seria a escolha por parte de Juan I da jovem mãe Inês Lasso como ama do Infante régio Enrique, uma função indigna, segundo Diez de Games, para representante de uma linhagem tão importante o que parece improcedente pelo que sabemos. No entanto, reconhecemos que com esta escolha o rei aplicava uma eficiente estratégia de integração

[27] Idem, p. 84.
[28] CERDÁ y RICO, Francisco (ed.). *Cronica de D. Alfonso el Onceno*, Madrid, Imprenta de D. Antonio de Sancha, 1787, p. 623.
[29] DIEZ DE GAMES, op.cit, pp.56-7.
[30] Idem, p. 78; 231 e XXXII-XXXIII.
[31] FERNANDES, Fátima Regina. *Do pacto e seus rompimentos*. Curitiba, Prismas, 2016.
[32] Ainda assim, Juan Niño teria estado no cerco de Lisboa de 1383, a serviço deste segundo rei Trastâmara (LOPES, Fernão, *Crónica de D. João I*, 2ªp., p. 289).

de opositores trazendo para junto de si um ramo de linhagem potencialmente traidor[33]. A primeira reação do casal seria projetar uma fuga para Aragão que não ocorreria, mas sim o aceite da função que redundaria na concessão de algumas doações aos Niño e principalmente a oferta da *criatio* régia a seu filho, quando alcançasse idade apropriada em contrapartida aos serviços prestados[34]. Um benefício e vínculo expressivos ali se estabeleciam, agora entre os Niño e os Trastâmara, mais forte e perene que a própria vassalidade[35].

Mas, em 1390, a inesperada morte do rei Juan I deixa seu herdeiro, o Infante Enrique, um menino de menos de dez anos muito próximo de Pero Niño pela criação, sujeito a um Conselho de Regência[36]. Em 1393 quando Enrique III assume, procura fugir das pressões do Conselho e acaba indiretamente fomentando levantes dentre os quais se destacam os de seu tio, Conde Alfonso de Gijón. Em meio a toda esta instabilidade Pero Niño que fora encomendado ao Condestável do reino, Ruy López Dávalos, em setembro de 1394, próximo aos dezesseis anos, participaria das primeiras ações de armas na contenção do Conde de Gijón. A partir daqui, ações de apoio irrestrito a seu rei e parceiro promoveriam Pero Niño que chegaria a arriscar a sua vida pela causa e preservação pessoal do rei salvando-o, inclusive, de soçobrar numa galé em Sevilha[37].

A renovação da guerra contra Portugal em 1396 levaria o jovem combatente pela primeira vez a terras portuguesas onde junto ao Condestável castelhano causaria danos apreciáveis em Viseu. Ocasião em que Diez de Games ressalta que *"(...) A la entrada de Portugal yba Pero Niño siempre con la banguarda, e a la salida con la reguarda*", assim como dois anos depois no combate a D. João I de Avis em Tuy [38].

---

[33] MOXÓ ORTIZ DE VILLAJOS, op.cit., pp. 1-210.
[34] Receberiam Cigales, Berzosa e Fuentebureba além de *contia* para serviço ao rei por três anos (DIEZ DE GAMES, op.cit, p. 81)
[35] FERNANDES, Fátima Regina. "A *criatio*, uma outra dimensão de fidelidade no contexto de ascensão da dinastia de Avis (1384)", *Topoi Revista de História*, Rio de Janeiro, Programa de Pós Graduação em História Social da UFRJ, 2020, vol. 22, 44 (prelo).
[36]Em inicios de 1391, o Arcebispo de Toledo, D. Pero Tenorio, membro influente do enorme conselho de regentes do reino de Castela liberta o Conde Alfonso de Gijón, meio-irmão de Juan I que desde 1388 mantivera cativo por vários levantamentos por ele promovidos e cujo patrimônio nas Astúrias fundamentava o título de Príncipe das Astúrias concedido ao Infante Enrique, agora rei (LOPEZ DE AYALA, P. *Crónica del Rey Don Pedro y del Rey Don Enrique, su Hermano, hijos del rey don Alfonso* Onceno. Buenos Aires, SECRIT, 1997, I, pp.166-7 e 181-83 e FERNANDES, Fátima Regina. "A importância do consentimento na validade do casamento na Península Ibérica trecentista", In: *Roda da Fortuna*, Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo, 2019/1, pp.328-45).
[37] DIEZ DE GAMES,op cit, pp.73-9 ; LOPEZ de AYALA, op.cit, I, pp.235-7.
[38] DIEZ DE GAMES,op cit, p. 82-3.

Este episódio de 25 de julho de 1398 em Tuy manifestava uma trama mais profunda, marcaria a parceria do jovem Pero Nino ao lado de Martim Vasques da Cunha[39], nobre português que deixara o serviço do Mestre de Avis em 1396 liderando uma larga comitiva de outros nobres[40] depois de defender fortemente a legitimidade das pretensões do Infante João de Castro à sucessão do trono português nas Cortes de Coimbra de 1385[41]. Afastavam-se de seu reino de naturalidade pensando ser uma temporária mobilidade na condição de resistentes contra Avis desde o reino castelhano. Neste ponto a trajetória desta facção de portugueses se cruzaria com a de Pero Nìño abrindo-se uma via de oportuna conexão deste a um grupo sócio-político de alta estirpe com pretensões ousadas que incluíam o trono português. Uma parceria se iniciava entre um nobre estrangeiro e um nobre castelhano de mediana posição social compartilhando projetos e como veremos mais à frente, as herdeiras do Infante João de Castro que morreria em 1397.

Aprofundemos um pouco esta menção do cronista ao evento de Tuy, o qual manifesta transcendência para a compreensão dos projetos e trajetória do nobre Niño. Martim Vasques da Cunha lideraria em Castela um conluio para repor um Castro, mais especificamente o Infante Dinis de Castro no reino português juntamente com a rainha Beatriz, madrasta do rei castelhano que renunciara a seus alegados direitos sucessórios ao trono português. Além destes, nobres das linhagens Pacheco e Pimentel com o apoio do próprio Enrique III que daria seu aval, em maio de 1398, à aclamação de Dinis como rei de Portugal ao que se seguiria a invasão do reino português[42]. Desta empreitada participariam também os fiéis castelhanos da rainha Beatriz, o Condestável Ruy López Dávalos e Pero Niño[43].

---

[39] DIEZ DE GAMES, op.cit., pp. 81-5 e ARNAUT, Salvador Dias. *A Crise Nacional dos Fins do Século XIV: A Sucessão de D. Fernando,* Coimbra: Instituto de Estudos Históricos Dr. António de Vasconcelos, 1960, v. I, p. 209. Outros representantes desta linhagem, Rui, Lopo e Juan Niño, todos três irmãos, teriam morrido nestes episódios em Portugal (LOPES, Fernão. *Crónica de D. João I*. 2ªp, pp.289; 372-5 e.380-3)

[40] LOPES, Fernão. *Crónica de D. João I*. 2ªp., pp.346 e 366; FREIRE, Anselmo Braancamp. Os *brasões da Sala de Sintra*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1921-30, v.I, p.162; ARNAUT, op. cit., 3ªp., pp.208-13; MOXÓ ORTIZ DE VILLAJOS, op. cit., pp.77; MITRE FERNANDEZ Emile."La emigracion de nobles portugueses a Castilla a fines del siglo XIV", In: *Hispânia* , 1966, 104 e ALONSO Campos, J. Ignacio e CALDERÓN ORTEGA, J. Manuel. "Los Acuña: la expansion de un linaje de origem portugues en tierras de Castilla", In *Actas das II Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval*, v.III, pp.851-60.

[41] FERNANDES, Fátima Regina. *Portugal, 1385, quando um reino fez seu rei*. Jundiaí-SP, Paco Editorial, 2018, 169p.

[42] ARNAUT, op.cit,, v. I, pp. 245-54.

[43] OLIVERA SERRANO, César. *Beatriz de Portugal. La pugna dinástica Avis-Trastámara*. Santiago de Compostela, Cuadernos de Estudios Gallegos, XXXV, 2005, pp. 173; 301-2.

Neste ponto, a propósito do episódio de Tuy que envolve todo este jogo político acima descrito, o cronista galego abre espaço na narrativa para discutir as opções políticas do rei antecessor, Juan I Trastâmara, exaltando a legitimidade das pretensões da causa dos Castro tanto em Portugal como em Castela à época da sucessão de D. Fernando. Declara a exacerbada ambição do Trastâmara quando aprisiona o Infante João de Castro em Castela e invade o reino português em busca dele mesmo colocar sua mulher Beatriz no trono de seu pai[44], apresentando uma perspectiva que diferia daquela oferecida pelos dois cronistas régios, Fernão Lopes e Pero Lopez de Ayala[45]. Juan I abortara com isso, as pretensões castristas em 1383, mas quando já reinava seu filho, Enrique III e tendo falecido o Infante João, a situação mudara e seus partidários seriam acolhidos promovendo condições de revitalização de antigos projetos, agora com a bênção dos Trastâmara. Caso tivessem prosperado tais pretensões Enrique III teria exportado para o reino vizinho importante facção de buliçosos cavaleiros, potenciais acirradores dos problemas internos da monarquia castelhana; mas, como sabemos, não foi assim que se deu o caso.

O que fica nítido é o capital político dos representantes da linhagem dos Castro permanecendo latente mesmo após a morte de Dinis em 1403, quando as expectativas transitariam para as duas descendentes do Infante João que manteriam acesa a chama de um possível alcance do trono português[46]. Seriam cobiçadas como pretensas herdeiras do trono português e quiçá castelhano por serem filhas de uma tia natural do rei Enrique III e por isso, imediatamente após a morte do pai, as duas ficariam sob a tutela de Fernando de Antequera, ainda que a mãe viúva se conservasse viva[47]. A mais velha, Maria, seria moeda de troca concedida em casamento a Martim Vasques da Cunha a mando do rei castelhano e contra vontade de sua mãe[48] neutralizando, assim, uma potencial ameaça interna ao ramo reinante dos Trastâmara. A outra filha, Beatriz seria prometida ao filho

[44] DIEZ DE GAMES, op.cit, pp.299-300.
[45] OLIVERA SERRANO, op.cit, pp. 347-9. Refira-se aqui que em estudo de Emílio Mitre Fernández sobre o texto de Pero Lopez de Ayala que este em sua obra unificada reunindo os reinados de Pedro I, Enrique II, Juan I e Enrique III, além de resolver o problema da sobreposição dos dois primeiros reinados através da unificação do relato naturalizando a quebra dinástica Trastâmara (DEVIA, op.cit, p. 397).
[46] Neste mesmo contexto a Infanta Isabel, filha natural de D. Fernando de Portugal teria em Castela o mesmo peso político nas relações luso-castelhanas em concorrência com as de seu marido, Alfonso, Conde de Gijón (FERNANDES. "A importância do consentimento na validade do casamento na Península Ibérica trecentista", pp.328-45)
[47]Constança Enriquez filha bastarda de Enrique Trastâmara, tia do rei Enrique III (Para compreender as relações linhagísticas em jogo recomenda-se acompanhar a leitura com o ANEXO II, Árvore genealógica).
[48] DIEZ DE GAMES, op.cit, pp. 299-300.

do Infante Antequera de Aragão, ele mesmo casado com uma neta de Inês de Castro[49], associando seu filho às suas próprias pretensões[50].

Os castristas tentariam inutilmente manter vivos seus projetos até a virada do século e enquanto isso, o cronista/biógrafo conhecedor de tal desfecho retomava a narrativa dos eventos de Pero Niño. Em 1399 casaria com a irmã viúva do Condestável que o protegia, Constança de Guevara, que era também sobrinha do cronista castelhano Pero Lopez de Ayala. Encomendaria ao trovador Alfonso Álvarez de Villasandino uma cantiga em honra de sua futura esposa, a qual se encontra recolhida no *Cancionero de Juan Alfonso de Baena*. Cerca de dois anos depois, em 1401, Diez de Games entra a seu serviço, indicando que Niño começava a ter uma Casa[51] ainda que muitos anos o afastassem da armação na cavalaria.

A condição de *juveni* ou *moço* nas fontes medievais aplicava-se àqueles que já tivessem completado sua formação em armas por volta dos vinte anos, além disso, como bem nos esclarece Georges Duby, caberia àqueles que tivessem sido integrados ao conjunto dos guerreiros, em alguns casos já cavaleiros tendo recebido a investidura, condição que Pero Niño só disporia vários anos depois. No entanto, o casamento e a paternidade retiravam o jovem nobre da condição de *juveni*, assim, se ao mesmo tempo já cumprira alguns quesitos para ser considerado *uir* ou adulto, por outro lado faltavam-lhe ainda condições sólidas de estabelecimento. O eminente medievalista relativiza uma potencial avaliação anacrônica de rigidez excessiva na aplicação destas categorias na medievalidade e afirma que a mocidade devia situar-se entre a investidura na cavalaria e a paternidade e poderia ser um caminho bem longo[52] na ordem em que se apresentassem as oportunidades a cada um.

Pero Niño seguia esta via, mas não seria caso único, como Guilherme Marechal, saído de sua casa paterna aos onze ou doze anos, *para ser puer junto ao tio Guillaume de Tancarville* [53], armado cavaleiro levaria uma vida inteira de aventuras e proezas até que aos quarenta e cinco anos casar-se-ia deixando de ser um *juveni*. Uma trajetória narrada

[49] Leonor de Castro e Albuquerque filha do consórcio entre Beatriz de Castro e Sancho de Albuquerque e, portanto, sobrinha do Infante João de Castro (ARNAUT, op.cit. v. I, p. 213 e 215, n.1).
[50] Segundo OLIVERA SERRANO tais encaminhamentos manifestavam a montagem de amplos projetos dinásticos para o reino de Aragão, além de reforçar os seus pretensos direitos na linha sucessória portuguesa de Borgonha (OLIVERA SERRANO, op.cit. pp. 349-50).
[51] BELTRÁN. "*El caballero en el mar*", p.83.
[52] DUBY, Georges. *A sociedade cavaleiresca*, São Paulo, Martins Fontes, 1989, pp. 95-6.
[53] Idem, p. 96.

no poema que serviria de modelo de biografia cavaleiresca a tantos outros autores posteriores[54], quiçá o próprio Diez de Games e o maior paralelo entre os dois seria o perfil de errante, instável, que marcaria a vida destes jovens.

> *Essa recusa da "morada", essa vida errante se revela como um traço fundamental no centro de todas as descrições que se conservaram da existência do "moço". Este sai de casa; está sempre em movimento; percorre províncias e países; "erra por todas as terras". Para ele, a "bela vida" é "andar por muitas terras para prêmio e aventura buscar", "para prêmio e honra conquistar". É, pois uma busca da glória e do "prêmio", através da guerra e, mais ainda, do torneio*[55].

Um currículo construído através da itinerância, da mobilidade, da guerra e das justas e torneios ao qual Pero Niño agregaria o combate naval ao corso promovido por cristãos ou judeus no Mediterrâneo e no Atlântico tendo à sua volta uma força militar eclética, por vezes improvisada, mas eficiente, alinhada ao perfil de uma nobreza regenerada. E apesar das tão expressivas virtudes alegadas pelo autor, ao que tudo indica Pero Niño não dispunha de posição sócio-política suficiente para concorrer em pé de igualdade com tantos epígonos em busca de atendimento a seus próprios interesses à volta da Corte castelhana obrigando-o, assim, a buscar no mar as condições de estabelecimento e reconhecimento régio. Em outros tempos teria servido nas Cruzadas do Oriente ou Reconquista cristã ibérica, restava-lhe em seu contexto os *raids* contra os inimigos do eixo franco-castelhano na Guerra dos Cem Anos.

3. *Idade da Virilidade* na segunda parte do *Victorial*.

Diez de Games abre a segunda parte de sua obra com a seguinte afirmação, " *El segundo libro fabla de como don Pero Niño, seyendo ya llegado en la virilidade, que es la segunda hedad, a más de veinte e cinco años*". Idade semelhante à do rei Enrique III na qual tinha já condições de escolher pessoas de sua confiança e coloca-las a seu serviço[56]. Em primeiro lugar damo-nos conta de que sua obra divide-se não pela trajetória do nobre biografado, mas pelas idades do homem válidas no século XV em Castela, quando uma característica de maior autonomia do biografado será então, destacada. Passa a lutar sem a tutela do Condestável, será chamado de patrão e por vezes almirante de sua

[54] DUBY, Georges. *Guilherme, o Marechal, o melhor cavaleiro do mundo*. Lisboa, Gradiva, 1986 e a este respeito vide ainda LEME, André Luiz. "Pensando sobre a cavalaria nobre medieval através de Guilherme Marechal na obra de Georges Duby" In *Revista Diálogos Mediterrânicos*, NEMED, UFPR, Curitiba, 2019, 17, pp.62-80.
[55] DUBY. *A Sociedade cavaleiresca*, p. 96.
[56] DIEZ DE GAMES, op.cit, p. 99.

frota, assumindo riscos em uma audácia frequente em suas decisões. Chegava à idade do risco controlado, da expectativa da recompensa, do fim da ingenuidade tanto Enrique como Pero Niño, ambos aproximando-se da condição de *uir* ou varão.

Apesar disto, as mobilidades seriam cada vez mais intensas nesta fase para o nobre Pero Niño, já pai e viúvo e que aos trinta e seis anos, em 1404[57], começava a sua jornada marítima, ficando os assuntos da Corte em suspenso por algum tempo para este servidor régio. Para além de alguma demanda pessoal por isolamento e luto, percebemos que Pero Niño se aproximara de uma facção de resistentes a Avis que não haviam conseguido atingir seu objetivo em 1398, conservando suas insatisfações em Castela. Talvez fosse bastante conveniente ao rei desmembrar ao menos temporariamente esta facção dispersando seus componentes para longe ou delegando a alguns deles a iniciativa de afastarem-se da Corte para realizarem empresa da qual poderiam redundar ganhos expressivos. A facção liderada pelos Cunha envolver-se-ia por todo século XV nas disputas internas do reino castelhano, porém, a trégua entre os dois reinos de 1402, com validade de dez anos, reforçava a inviabilidade de reconhecimento dos direitos do Infante Dinis ao trono português, o que seguido da sua morte no ano seguinte[58] obrigaria o grupo a refazer seus projetos e parcerias. Assim, a viuvez de Pero Niño não seria a única razão do aceite da campanha mediterrânica, talvez houvesse grande conveniência de sua parte e do rei no aceite desta tarefa.

3.1. A campanha do Mediterrâneo.

O ritmo de suas movimentações é bastante intenso nesta fase de sua vida, daí optarmos por selecionar alguns os recortes que Diez de Games propõe em seu *Victorial*. A campanha do Mediterrâneo realizada entre 1404 e inícios de 1405[59] seria voltada para o cumprimento do ordenamento do rei castelhano de combater corsários no Levante e iniciar-se-ia no Guadalquivir em Sevilha em maio deste ano. Passaria por Gibraltar estacionando em Cartagena[60], porto localizado no limite oriental de Castela no Mediterrâneo, o qual serviria de ponto de saída e chegada de várias incursões do capitão Niño. Seguiria para Alcoçebar no norte de África sempre no encalço de corsários que

[57] Teve um filho, seu homônimo, Pero Niño que viria a morrer aos 27 anos de idade de uma doença não revelada (DIEZ DE GAMES, op.cit, pp. 89-90).
[58] ARNAUT, op.cit, v. I, pp. 255-7.
[59] A partir daqui convém acompanhar os deslocamentos com o ANEXO I Mapa das Campanhas de Pero Niño.
[60] DIEZ DE GAMES, op.cit, pp. 99-101.

atacavam naves cristãs e em junho, novamente em Cartagena saberia da localização de dois corsários, um castelhano Juan de Castrillo e outro maiorquino Arnau Aymar que estando em Marselha ao sul de Avignon atuariam sob a proteção do aragonés Pero de Luna ou Papa Bento XIII. Pero Niño cairia doente bem a tempo de suas presas fugirem, o que nos leva a pensar numa estratégia de boicote por parte de seu anfitrião papal. Neste ponto, como em vários outros trazidos na obra observamos que a obstinação e zelo do capitão Pero Niño demonstrava um entusiasmo exagerado em relação à função de que fora incumbido, partindo doente ao encalço dos fugitivos, certamente motivado pelo proveito que tal captura lhe renderia. A perseguição o levaria a contornar a Córsega e Sardenha onde se envolveria em questões internas que não lhe permitiriam continuar sua caçada, após o que seguiria para Túnis onde segundo seus informantes o próprio rei promovia o corso. O paladino ao perceber a riqueza da praça tunisina promove um ataque improvisado e quase suicida que envolve a abordagem por uma ria onde combateria sozinho uma galé tunisina, quando quase à beira da morte faz um voto solene a Santa Maria. Acaba conhecendo uma inesperada vitória, porém, auferindo um modesto botim de pilhagem, aquém do esforço empenhado[61].

O cronista/biografo manifesta neste ponto da narrativa o seu interesse nas palavras e no que elas traduzem de significado e poder. Assim, a coragem manifesta pelo grupo provocaria o inimigo a perguntar de onde vinham, pois não conheciam a palavra *castelhanos*, apenas *Alfonsiz*[62]. Uma verdadeira pérola este comentário aparentemente inocente trazido após o relato de um combate sangrento, no qual se colocava na boca dos inimigos de Castela que o reino era reconhecido externamente apenas em referência aos reis Afonsinos, a dinastia anterior usurpada em seus direitos pelos Trastâmara. Muitas seriam as oportunidades bem aproveitadas por Diez de Games para desvalorizar aqueles que haviam impedido a continuidade da legítima governação dos reis Alfonsinos e de seus apaniguados, os Castro e os Niño, por exemplo.

A sua demanda prosseguia e em julho deste mesmo ano o capitão resolve voltar mais uma vez a Cartagena, ainda ferido, manifestando no trajeto de retorno às terras cristãs a clara intenção de suas empreitadas, obter lucro. Em pleno mar aborda um maiorquino Joan Ripoll que levava suas caras mercadorias ao comerciante judeu de

[61] Idem, pp. 101-108.
[62] Idem, pp.109-120.

Maiorca, Astruc Xibillí, cera, ouro e penas de avestruz. Considera Pero Niño que deve apreendê-la por serem mercadorias oriundas de Orán, terra de infiéis, ainda que tivessem sido vendidas por judeus de Orán para um judeu de Maiorca. Em seguida prossegue a viagem agora em busca de alcançar a fonte das riquezas apreendidas, Orán e Mazalquivir atacando as praças com canhões, saqueando aldeias de mercadores, matando e roubando animais, peles e plumas raras. Depois de repartir o botim entre seus acompanhantes resolve voltar a Cartagena onde uma carta de Enrique III o esperava convocando-o para deixar os barcos em Sevilha e ir ao seu encontro, onde se encontrasse a Corte. No entanto, a sua chegada a Sevilha seria atrasada por uma nova abordagem a um barco catalão seguido de uma tempestade que os leva a Cádiz e só um mês depois chegaria a seu destino em dezembro de 1404. Oito meses haviam se passado entre sua saída e retorno ao reino castelhano e ao encontrar o rei Enrique III em Segóvia recebe a notícia do nascimento do herdeiro do trono, futuro Juan II, destacando-se num grande torneio organizado em Tordesilhas para homenagear o novo Infante[63]. Um dos últimos espaços de demonstração da força nobiliárquica diante de uma dinastia régia que parecia ter vindo para ficar e à qual convinha agradar e convencer da indispensabilidade de seus serviços.

Em toda esta parte da narrativa nem uma palavra sobre o teor da convocação régia que o esperava em Cartagena ou sobre a prestação de contas ao rei de suas ações. Estaria Pero Niño chamando demasiada atenção? O cronista apenas informa que ao encontrar o rei em Segóvia, ele teria sido bem recebido[64], naturalmente pela fama que teria espalhado nas margens do Mediterrâneo da força de Castela. Além disso, voltava um homem diferente, mais confiante, conhecedor da cabotagem das margens norte e sul do Mediterrâneo, além de uma variedade de objetos de luxo, carnes diferentes, uma visão de mundo distinta da que levou ao início da viagem e certamente por isso, talvez não quisesse mais voltar a sua vida de donzel. Tornara-se um especialista útil em suas habilidades e conhecimentos à monarquia, provara ser um líder competente de companhias no mar e em terra, onde retomava um perfil mais ortodoxo de cavaleiro justador dispondo de habilidades acrescidas de luta e confronto que o destacavam em terra firme. Assim ao encerrar seu primeiro estágio de formação na ordem da cavalaria, Pero Niño passava a ser um combatente cobiçado por outros reinos cristãos e parece ter tido disto plena

[63] Idem, p.139.
[64] Idem, p. 138.

consciência. O seu currículo no combate marítimo e quiçá o gosto que adquirira pelo nomadismo itinerante e a aventura o levariam de volta ao mar, em outras latitudes com uma autonomia de ação ainda maior.

3.2. Campanha do Atlântico.

A campanha do Atlântico duraria cerca de um ano meio a partir de abril de 1405 e seria despoletada pelo fim das tréguas entre França e Inglaterra neste ano. As parcerias franco-castelhanas na Guerra dos Cem Anos cobravam de Enrique III a colaboração marítima no Canal da Mancha contra os ingleses liderados por Henrique V que faziam aí ataques dificultando o acesso marítimo à Flandres. Enviar frota de Sevilha seria demorado, então, envia-se Martín Ruiz de Avendaño no comando de quarenta naus saindo de Santander em cuja frota estaria Pero Niño [65], seu subordinado.

O encontro direto com o inimigo inglês provoca Diez de Games a falar sobre os ingleses, um povo diferente, na pena do cronista que justificava sua afirmação pela ascendência bárbara deste povo. Além disso, a insularidade determinaria igualmente uma caracterização insólita a estas pessoas que viviam cercadas de água, lidando com uma população grande demais para seus recursos próprios. O que explicaria a sua feição insatisfeita e permanente belicista, violenta e pouco hospitaleira, enfim, *diversos e contrários*[66]dos outros povos. Eram de um reino inimigo de Castela neste contexto da narração, daí a pouca contemplação com o pretenso exotismo britânico na obra, mas também seria mais uma vez a demonstração de erudição do cronista no que respeita ao conhecimento de línguas estrangeiras, pois afirma que apesar de tudo isto conhecia a sua língua.

O Atlântico também era espaço de corso e Pero Niño aí atuaria desde Santander, cabotando o Golfo de Biscaya atingindo La Rochelle em cinco dias. Em abril de 1405 alegando a demora na chegada dos reforços que na verdade era a frota de seu comandante resolve avançar sozinho e por conta própria liberto dos limites que lhe tinham sido impostos pelo rei ao subordiná-lo ao comandante Avedaño[67].

Partiria juntamente com forças francesas até Bordéus em poder dos ingleses na Guiane, onde queima e saqueia uma localidade, Gironda e a partir daqui parece estar a serviço diretamente da Coroa francesa. Em suas viagens acabaria por travar conhecimento

[65] Idem, p. 140.
[66] Idem, p. 142.
[67] Idem, pp..184-7.

e parceria com outros aventureiros como ele, assim, de volta a La Rochelle conheceria um nobre francês, Charles de Savoisy, da Corte de Carlos VI, aí exilado por dois anos, que lhe oferece parceria para avançar sobre portos e naves inglesas. Param em Brest e seguem para a Cornualha no sudoeste da Inglaterra que seria queimada e pilhada levando os barcos aí ancorados com eles. Continuam para Darmouth, Plymouth, Ilha de Portland onde forças inglesas oferecem resistência a Pero Niño e Savoisy com os arcos em linha frente às *ballistas* castelhanas. Por um golpe de sorte a subida da maré obrigaria os ingleses a recuarem ao continente para não ficarem presos na ilha resultando na captura ou morte de quatrocentos inimigos, além de pilhagem e incêndio em cinco aldeias além de Portland[68].

Ao que tudo indica, ainda insatisfeito, em setembro de 1405, Pero Niño avança sozinho sobre Poole, potentado do corsário Harry Paye, que se encontrava ausente, usando a seu favor o efeito surpresa. Teria dificuldades na retirada devido à ação, mais uma vez dos arcos ingleses e só consegue escapar devido ao socorro de Charles de Savoisy deixando, no entanto, o irmão de Pay, morto[69].

Neste ponto da obra surge uma verdadeira anedota que passaria despercebida pelo autor que acompanhava seu senhor e pelo próprio Pero Niño. Este teria manifesto o desejo de prosseguir até Londres para conhecê-la e pilhá-la, mas seu aliado francês leva-o apenas a Southampton, que ele toma por Londres. Mata Carriazo, refere que tanto o autor como o herói jamais chegaram ao Tâmisa apesar de assim constar no *Victorial.* Na volta continuariam saqueando e roubando várias aldeias até o litoral sul do Canal da Mancha nas costas francesas em Harfleur onde encontraria seu comandante original de viagem, o castelhano Martim Ruiz de Avendaño, com quem disputa[70]. A razão do desentendimento seria diluída, mas entendemos que Pero Niño teria aceitado trabalhar diretamente sob comando dos franceses, o que justificaria a cobrança de fidelidade de seu superior num serviço solicitado pelos franceses, mas que o rei castelhano designara a Avendaño e Pero Niño.

No mês seguinte, abandonando mais uma vez as forças castelhanas, o herói do *Victorial* e seu autor seriam convidados por Renaud de Trie, que fora membro do Conselho e Câmara do rei francês, a se hospedarem em seus luxuosos Paços em

[68] Idem, pp. 193-1208.
[69] Idem, pp. 206-211.
[70] Idem, pp.213-16.

Serifontaine onde repousava juntamente com sua jovem esposa, Jeanne de Bellengues. A beleza e capacidades gestoras da anfitriã seriam atestadas pelo cronista, o que parecia querer justificar a imediata paixão que acometeria Pero Niño, deslumbrado com o convite de uma personalidade tão destacável, em magníficos paços, para uma estadia que à primeira vista parecia enaltecer a importância social e militar do capitão. No entanto, entendemos que após a desavença com Avendaño ficava patente que o nobre Niño se dispunha a atuar em serviços pontuais prestados a outrem, à monarquia francesa, por exemplo, podendo inclusive o convite de Renaud ser parte de novas negociações ou mesmo notícias sobre as contrapartidas esperadas.

Hipótese que se confirma com as informações do *Victorial* de que dali, Pero Niño seguiria para a França à beira da cisão entre Armagnacs e Bourguinhões, e em Paris cobraria do Conselho de regência que atuava durante a loucura do rei Carlos VI a paga prometida por serviços prestados contra os ingleses. De onde receberia provavelmente novas ordens, além de demonstrar o valor de seu potencial bélico em um torneio onde mais uma vez se destacaria, permanecendo na França até o verão de 1406 quando mais uma vez partiria com Charles de Savoisy [71]que desde o início da campanha no Atlântico parece ter contratado Pero Niño para sua companhia. O nobre francês exilado da Corte continuava a prestar serviços a seu reino numa zona escura de atuação que envolvia corso, mas sempre contra os inimigos da França, tal como Pero Niño que aceitara ou adotara o afastamento da Corte castelhana e buscava tirar o melhor proveito possível para sua condição, mas sempre atuando contra inimigos de Castela.

Planejam atacar a Inglaterra a partir de Harfleur dedicando-se, então, às costas orientais da Inglaterra, mas sem sucesso e após, Calais, potentado inglês na França onde são igualmente rechaçados pela artilharia local. Depois de várias derrotas sucessivas, seu parceiro de aventuras, Charles de Savoisy retira-se em razão da escassez de recursos disponíveis para pagar seus acompanhantes enquanto Pero Niño, em plena autonomia de ação junta os três baleeiros que tinha apresado a uma outra esquadra normanda da mesma natureza liderada pelos irmãos Lubixiéres. Estes dispunham de armamento adequado para juntos ferirem a ilha de Jersey recorrendo a homens da Bretanha, aos quais se juntam cento e vinte barcos salineiros e Hector de Pontbriand. Uma companhia eclética na sua

[71] Na primavera de 1406 retornaria a encontrar em Rouen agora viúva, Jeanne de Bellengues, a quem solicita alguns anos de afastamento devido à recente viuvez da dama. (Idem, pp. 216-25).

composição humana e bélica que impõe aos moradores locais e aos dominadores anglo-saxões uma luta ferrenha apenas suspensa pelo conhecimento de que a armada inglesa estava estacionada em Plymouth, ao alcance, portanto, para reprimir facilmente a efêmera conquista. Na verdade, o objetivo não era sequer dominar a ilha, mas sim, impor uma situação de negociação favorável aos seus ocupantes como o tributo de dez mil coroas que seria pedido por Pero Niño, a fim de pagar seus apoiantes. Valorizando o peso da opressão dominadora imposta aos moradores de Jersey chegaria a impor a obrigação de pagamento de um tributo anual pelos seus moradores, o qual sabia não poder cobrar, após o que, abandonaria Jersey a caminho de Brest com expressivo botim de gado, bens pessoais, reféns e armas[72].

Em Brest receberia ordenamento régio castelhano de voltar a Santander e dali a Valladolid rumo a Madrid onde Enrique III o armaria cavaleiro aos vinte e seis anos, prometendo dar-lhe estado[73]. Afinal, parece que o desempenho do capitão agradara a todos os reis aliados, da França e de Castela e que finalmente criavam-se condições de estabelecimento para Pero Niño, no entanto, a morte de Enrique III no Natal de 1406 abortaria suas mais floridas esperanças tendo de navegar nos mares da regência do irmão do rei falecido, Fernando de Antequera sobre o Infante Juan de dois anos e sua mãe, Catarina de Lancaster. Teria mais uma vez de reinventar-se o nobre Pero Niño tal como Guilherme Marechal ou Nuno Alvares Pereira diante do imponderável gerado pela instabilidade acrescida que a morte do rei enfermiço representava em Castela no século XV.

No discurso da obra demonstra-se, mais uma vez a resiliência do nobre castelhano diante de caminhos de vida que exigiam muito de sua personalidade proativa. As possibilidades que se abrem a Pero Niño eram a de voltar em embaixada a Paris onde encontraria Bellengues ou seguir em armas para o sul do reino de Castela. Acabaria escolhendo o último, e em 1407 destacar-se-ia na campanha que o rei defunto tinha começado a idealizar e que o Regente conduziria sobre Granada[74]. Porém, desta vez, ao acompanhar Fernando de Antequera o fazia por sua própria disposição, como cavaleiro e esta aproximação certamente teria propiciado um retorno da sua atenção às expectativas que envolviam Beatriz, filha do Infante João de Castro, ainda mantida sob a guarda do

[72] Idem, pp..261-75.
[73] Idem, pp. 287-8.
[74] Por sua bravura em Setenil e Ronda (Idem, pp. 290-2).

Regente. O que não nos espanta o herói ter, nesta mesma ocasião, rompido suas relações com Jeanne de Bellengues ao despertar seu interesse pela neta de Inês de Castro, *nobia de España* [75]e herdeira de Alba de Tormes, quiçá de Portugal.

4. Idade da autonomia e dos amores.

Neste ponto da obra, a sua terceira parte, Mata Carriazo manifesta uma sensação de decadência do interesse pela narrativa manifesta por Diez de Games, talvez enfastiado pelas intrigas cortesãs dos infantes de Aragão perderia *seu brilho e cor* com exceção dos momentos em que falava de Álvaro de Luna[76]. Além disso, constitui um segmento da obra no qual seu autor manifestaria amplos paralelos narrativos com a *Crónica de D. Juan II* fazendo-lhe recurso em muitas passagens, talvez pelo suposto autor desta ser também o cronista de Alvaro de Luna, o poeta Juan de Mena[77].

Pero Niño, já cavaleiro com fama construída fora de seu reino se voltaria nesta nova etapa da vida, para o fortalecimento de sua posição dentro de Castela construindo vínculos familiares que perenizassem a honra em boa parte restabelecida de seu ramo de linhagem. Iniciaria um romance escaldante com Beatriz de Castro, comprometida à altura, com uma criança, o filho do Regente, contando, para tanto com um alcoviteiro de peso, o meio-irmão daquela, Fernando de Eça, um filho natural do Infante João de Castro[78], o qual não dispunha de direitos legítimos como Beatriz, mas mantinha estreita amizade com Pero Niño[79]. Uma dama resoluta que em janeiro de 1410 teria declarado a seu criador Fernando de Antequera que dali em diante se casaria com quem bem lhe aprouvesse[80].

---

[75] Idem, p. LXXVI.
[76] Idem, p. LXXIV.
[77] Na edição das Crónicas de los Reyes de Castilla da BAE (*Crónicas de los Reyes de Castilla*, Madrid,1953) Cayetano Rosell afirma que desde Pedro I Alfonsin até Enrique III Trastâmara a tarefa de redação das crônicas régias deve ter sido da responsabilidade de Pero López de Ayala. Mas na de Juan II que completa a redação não há consenso sobre a sua autoria. O conteúdo de 1420-1435 teria sido da pena do poeta Juan de Mena, cronista régio declarado pelo autor da Crônica / biografia de Alvaro de Luna sofrendo ainda inúmeras refundições e interpolações posteriores (DIEZ DE GAMES, pp. VI-X). Além disso, sabe-se ter sido o cronista próximo do Condestável e tal hiato corresponderia ao seu período de ascensão junto a Juan II. Vide ainda sobre a linhagem dos Luna, MOXÓ Y MONTOLIU, Francisco de.*La casa de Luna (1276-1348). Factor político y lazos de sangre en la ascensión de un linaje aragonês* Munster, Aschendorffsche Verlagsbuchhandlung GmbH & Co., 1990.
[78] Antonio Caetano de Sousa e Arnaut entendem que Fernando de Eça poderia ser o filho do Infante com Maria Teles, mas que o mais provável é que fosse um filho natural do mesmo. Já Anselmo Braancamp Freire afirma ser filho do casamento português de D. João de Castro com Maria Teles (SOUZA, António Caetano de. *História Genealógica da Casa Real Portugueza*.Lisboa, Academia Real, 1735, t. I, p. 296; ARNAUT, op.cit,, v. I, p. 212 e FREIRE, op.cit., v. I, pp. 95-6).
[79] DIEZ DE GAMES, op.cit, p. 305 e ARNAUT, op.cit, v. I, p. 212.
[80] DIEZ DE GAMES, op.cit, p. 95.

Pobre Infante Enrique, sem qualquer chance de concorrência frente a um cavaleiro, justador renomado, corsário e galanteador como bem o demonstra este fragmento do teor da carta que Pero Niño envia à dama de Castro, o qual comove pelo seu tom subserviente e amoroso, em conformidade com os moldes cortesãos.

> *(...) supieses que ella hera la señora del mundo que él más amava servir, a fin de su honra, e se entendia disponer em ello hasta la muerte, porque ella hera tan generosa como ninguna de las reynas de toda España, e donzela mejor enfamada e de tan alto linaxe; que le pluguiese que él se llamase su caballero e fuese suyo en los lugares donde cunpliese*[81].

Além disso, encomendaria duas cantigas a Alfonso Álvarez de Villasandino igualmente recolhidas no *Cancionero de Juan Alfonso de Baena*[82] que manifestam o envolvimento amoroso do casal, que resultaria em seu casamento secreto[83]. Em resposta, o Regente castelhano encerraria Beatriz durante um ano e meio no castelo de Urueña onde segundo o cronista, Pero Niño a visitaria secretamente três ou quatro vezes. Antequera exigiria ainda, da rainha mãe, Catarina de Lancaster, a prisão de Pero Niño, a qual temendo um golpe do cunhado regente sobre seu filho menor deixaria de proteger Pero Niño, amigo e parceiro de seu falecido marido Enrique III. Restava ao cavaleiro enamorado a fuga, indo para Palenzuela, depois Bayona na Galiza até que dois anos depois, Antequera envolvido na sucessão do trono de Aragão consentiria no consórcio público que se realizaria em Cigales em 1412[84].

Pero Niño e Beatriz continuariam junto à Corte castelhana e as tensões relativas ao Conselho de regência durante a menoridade de Juan II que duraria até 1419. Do golpe de Tordesilhas de julho de 1420, promovido pelo Infante Enrique, filho do falecido Antequera, rei de Aragão, a Crônica não menciona ter participado Pero Niño, ainda que tivesse ficado próximo do protagonista destas ações. No entanto, sabemos que o herói do *Victorial* seria detido em junho de 1422 durante um ano e em seguida condenado ao exílio em Valência para onde iria a pé carregando as suas armas[85] o que corrobora a hipótese de seu envolvimento no referido levante.

[81] Idem, p. 303.
[82] ARNAUT, op.cit., v. I, pp. 214-5, n. 4.
[83] Idem, pp. 301-9.
[84] Idem, pp.314-7.
[85] Idem, pp. 313-4.

Um contexto do qual vai se destacando outro epígono, o novo Condestável, Álvaro de Luna que intercede pelo perdão e retorno dos banidos em 1425[86], favor que seria retribuído por Pero Niño em serviços prestados a seu novo benfeitor Luna que obteria para seu fiel o Condado de Buelna nas Astúrias em junho de 1430[87]. No seguimento desta importante passagem do texto que manifestava o alcance do corolário de todo esforço pessoal desenvolvido por Pero Niño a serviço dos reis castelhanos e franceses visando o restabelecimento da honra dos Niño, Diez de Games relata que a primeira iniciativa do novo Conde seria a de armar cavaleiros os seus fiéis sem mencionar a si mesmo. Mas certamente o destaque da notícia deve ser uma menção indireta à armação na cavalaria do cronista/biógrafo, além de demonstrar a importância desta cerimônia e o que ela representava para um nobre tantas vezes boicotado em suas expectativas de ascensão. Finalmente teria Pero Niño alcançado estado, com Casa e vassalos próprios dispondo, a partir de então, formalmente de uma Corte senhorial.

Em 1435 faria seu primeiro testamento, afinal já tinha o que deixar aos seis filhos que tivera com sua esposa de estirpe régia, porém tragicamente neste mesmo ano perderia o primogênito varão deste casamento[88]. Recordemos que a encomenda do *Victorial* a Diez de Games fora oficializada neste primeiro testamento por vontade do próprio Pero Niño e não por seu primogênito como no poema de Guilherme Marechal.

> *Mando que el libro de mi historia, que lo hace Gutierre Díez de Games, que lo tenga la condesa en su vida, y, después que ella fallesciere, que lo pongan en la sacristía mía de la iglesia de la mi villa de Cigales, en el arca del tesoro de la dicha iglesia, y que no le saquen para ninguna parte; pero quien quisiere leer en él, mando que den lugar a ello*[89]

Outro testamento seria redigido em 1438 indicando seu outro filho Enrique Niño como sucessor, o qual também, fatidicamente não sobreviveria a seu pai[90] o que representaria em termos sócio-políticos a extinção varonil do seu ramo de linhagem. Restava a Pero Niño ainda esta última e expressiva frustração final que tornava vão seu esforço pessoal e a fama cristalizada no *Victorial*, cuja profundidade histórica deveria servir aos seus descendentes em suas pretensões.

[86] Idem, pp. 316-28.
[87] Idem, p. 334.
[88] Juan Niño, jovem já de vinte e quatro anos e já teria perdido o filho que tivera de seu primeiro casamento.
[89] BELTRÀN, Rafael. *El caballero y el mar*, p. 75.
[90] Teve ainda quatro filhas, Constança que morreria antes de 1435, Inês, monja que depois alcançaria o cargo de abadessa em Santa Clara de Valladolid em 1441, Maria e Leonor.

A narrativa seria retomada apenas em 1444 quando Pero Niño já tinha setenta anos e teria deixado as armas há oito ou nove anos atrás passando o cronista a destacar como o Conde retribuía seus criados, inclusive o próprio Diez de Games[91]. O autor voltava-se para a intimidade do senhor da qual privara e neste ponto, assume um protagonismo inusitado ao aconselhar Pero Niño como era dever de um vassalo. O velho Niño via-se, certamente, diante de alguma convocação de apoio bélico ao rei ou aos seus opositores a que seu fiel recomenda-lhe recusar em razão de sua idade. E vai além, argumenta-lhe não perder a prudência na velhice sob-risco de desfazer numa atuação bélica incapaz um passado de armas tão glorioso[92].

As últimas linhas da obra referem a morte da Condessa Beatriz ocorrida em 10 de novembro de 1446[93], mas sabemos por informações de outras fontes que Pero Niño ainda voltaria a se casar novamente com a nobre Juana de Stuñiga. Talvez tentasse desesperadamente reverter a sua trágica sina e deixar descendência varonil que lhe sobrevivesse, mas sem sucesso, vindo a falecer aos setenta e cinco anos no dia 17 de janeiro de 1453[94].

Algumas considerações finais.

Em comparação com o poema de Guilherme Marechal que começa pelo fim da vida do protagonista[95], o Victorial segue uma linha narrativa linear acompanhando a cronologia do conteúdo narrado e sequer fala morte de Pero Niño. Nuno Alvares Pereira teria insertada sua biografia na Crônica régia de D.João I a partir de uma perspectiva dicotômica: o nobre em tempos de guerra e em tempos de paz[96] incluindo-se a sua morte já conhecida do cronista Fernão Lopes à época de sua redação consolidando a integração do nobre Pereira ao passado do reino português. A morte ou partida para a eternidade de aventureiro tão pleno seria o corolário de uma vida cavaleiresca e sua ausência no *Victorial* fortalece a hipótese do desaparecimento de Diez de Games, coetâneo e companheiro de armas e vida anteriormente ao do seu protagonista, Conde de Buelna. Além disso, o *Victorial* e seu herói não dispõem de uma inserção na Crônica Régia porque

[91] Diez de Games receberia herdade de Domingo Juan mencionada no primeiro testamento de seu senhor (Idem, p. 345).
[92] Idem, pp. 347-8. Em junho deste mesmo ano daria-se a morte de Alvaro de Luna vítima de suas escolhas e intrigas políticas.
[93] Idem, p.348 e ARNAUT, op.cit, v.I, p. 215.
[94] BELTRÁN. "*El caballero en el mar*", p. 101.
[95] LEME, op.cit. pp.62-80.
[96] LOPES, Fernão. *Crónica de D. João I,* 2ª p., pp. 447-54.

ao contrário dos Pereira frente a Avis, os Niño e os Castro não são vitoriosos em seus interesses e expectativas frente aos Trastâmara, tampouco frente a Avis.

Outro aspecto destas considerações finais diz respeito aos caminhos destas projeções. Nuno Alvares que por sua posição sócio-política original estaria afastado do círculo mais estreito de servidores régios, através de eventos excepcionais, um levante que abre uma renovação dinástica no reino português em 1383, projeta-se como epígono e indispensável companheiro estreitamente próximo do primeiro rei de Avis. Pero Niño, por sua vez, parte de um mesmo patamar sócio-político, mas não teria um levante dentro do reino de Castela para demonstrar a sua indispensabilidade à monarquia, teria de afastar-se fisicamente da enorme concorrência interna à volta dos reis e dos Conselhos de Regência que se sucedem, atuando fora do seu reino, na Guerra dos Cem Anos. Contornaria as muitas dificuldades de granjear estabelecimento a partir do serviço direto ao rei tentando demonstrar a sua excepcionalidade no combate por mar e por terra. Mesmos fins buscados através de meios distintos, os possíveis, para estes dois representantes da nobreza *regenerada* de Quintanilla Raso ou *nobleza nueva* de Salvador de Moxó o que justificaria a natureza e frequência das mobilidades promovidas por Pero Niño a caminho do estabelecimento.

Em 1435 quando se inicia a redação do Victorial, reinava Juan II Trastâmara e ainda persistia o tom crítico do cronista/biógrafo a serviço de um apoiante da rainha Beatriz e de Martim Vasques da Cunha de quem Pero Niño era já, neste contexto de redação da fonte, cunhado. Ressoa aqui ainda certo ranço castrista de um escritor galego que transita junto a uma facção da Corte castelhana que teria sido prejudicada em seus direitos pela ambição régia dos Trastâmara, vítimas de um "regime derrotado"[97].

Uma obra escrita em vida de Pero Niño e de pelo menos um seu descendente varão, no entanto, a imediata extinção varonil da sua descendência abortava o projeto da obra *Victorial*, a qual concederia uma transcendência e dimensão ilustre ao ancestral de seus filhos e netos, concedendo-lhes vantagens no panorama sócio-político no qual vivessem. Já o seu autor, Diez de Games, cujo desaparecimento talvez tenha determinado o encerramento da obra teria tanta projeção quanto seu objeto, com o qual promovera durante todo o texto uma *mimesis* especular. A autoria declarada das obras como um todo foi uma das características marcantes do Nominalismo e neste caso, a da obra *Victorial*

[97] DIEZ DE GAMES, p. 80.

assemelha-se aos autorretratos dos pintores tardo medievais inseridos nas obras das quais recebiam encomenda de realização.

Uma mobilidade social construída através de um largo e constante movimento de deslocação entre o Mediterrâneo e o Atlântico proporcionando a um jovem de condição periférica a ascensão à função de Conde. Afinal, uma bem-sucedida carreira devida nem tanto a um providencialismo, mas, em boa parte à resiliência e iniciativa constante de Pero Niño diante das oportunidades e também concorrências proporcionadas pelo contexto complexo da monarquia castelhana no início da dinastia Trastâmara e cuja narrativa cristalizaria na memória daqueles que se dispusessem a lê-la ou ouvi-la a imagem de um cavaleiro ideal. Os caminhos da ascensão estavam bem demonstrados e serviriam de modelo, mas também de estímulo às gerações futuras que especularmente se veriam capazes de construir seus próprios caminhos de projeção.

ANEXO I

Mapa das campanhas de Pero Niño[98]



EL MUNDO DE PERO NIÑO.—Mapa de los lugares citados en «El Victorial»

[98] Mapa contido na obra *Victorial* de Diez de Games no início do texto da Crônica, na edição de 1940 no qual inserimos as deslocações de Pero Niño.

ANEXO II

Árvore genealógica

CASTRO

